



ARTIGO

## RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS NA CITÉ INTERNATIONALE DES ARTS: CRUZAMENTOS E ENCONTROS

MARISTELA SALVATORI  
ABCA/ RIO GRANDE DO SUL

**RESUMO:** Relato de uma nova Residência de Artista na *Cité Internationale des Arts*, em Paris, decorridos mais de 20 anos de uma primeira residência de artista nesta instituição. Uma experiência que, embora concentrada em um curto espaço de tempo, foi muito rica em encontros e trocas possibilitadas pelo intenso convívio com artistas de diferentes procedências.

**PALAVRAS-CHAVE:** residências artísticas, cruzamentos, encontros, diversidade

**ABSTRACT:** Report of a new Artist Residency at the *Cité Internationale des Arts*, in Paris, after more than 20 years of a first artist's residency at this institution. An experience that, although concentrated in a short period of time, was very rich in encounters and exchanges, made possible by the intense contact with artists from different backgrounds.

**KEYWORDS:** artist residencies, intersections, encounters, diversity

Decorridos pouco mais de 20 anos de minha primeira experiência como Artista Residente da *Cité Internationale des Arts*, em Paris, ano passado fui aceita para um novo e curto período de Residência. Fazia muito que eu acalentava a ideia de um retorno a esta casa que me acolheu por dois anos (1999 - 2001) tão vívidos e importantes em minha formação. Foi extremamente gratificante poder desfrutar desta nova bela oportunidade ao mesmo tempo tão diversa daquela experiência anterior.

Naquele momento o recolhimento proporcionado pela tranquilidade de viver e trabalhar no anexo Montmartre da *Cité* foi um belo diferencial para o desenvolvimento de minha tese em Poéticas Visuais. Esta concentração era permeada pela visita de espaços culturais, bibliotecas, visitas e/ou participações em exposições e eventos culturais na cidade e na própria *Cité* que, regularmente, oferecia atividades tais como concertos, exposições, portas abertas de ateliês e pequenos coquetéis para receber e dar a conhecer os novos moradores

- atividades que ocorriam em sua sede, em Pont Marie (Marais).

Esta Residência mais recente, embora muito rápida, foi muito intensa e enriquecedora. Enquanto na vivência anterior houve um tempo generoso para desenvolvimento de pesquisas pessoais, nesta última, o curto tempo disponível e a dinâmica institucional ofereceram outros benefícios. Se hoje somos quase reféns dos desmandos ditados pela programação de algoritmos, cujo único propósito é vender produtos e serviços visando gerar o máximo de lucro para alguns poucos bilionários, independente das nefastas consequências que daí possam advir, na contramão desta manipulação generalizada, alguns nichos sociais ainda sonham e atuam na busca de convivências mais inclusivas e solidárias. A *Cité* encontra-se hoje, visivelmente, alinhada a pautas caras a setores progressistas da sociedade, como diversidade, inclusão e solidariedade.

Remontando um pouco de sua história, a *Cité Internationale des Arts*, aventada em 1937, quando da

*Exposition Universelle* e, finalmente, foi gestada em 1950 pelo casal Félix e Simone Brunau. Abriu suas portas aos primeiros artistas em 1965, em sua sede no coração de Paris, frente ao Sena, em Pont Marie, no Marais (jornais da época mencionam um fato curioso: só eram admitidos no mesmo alojamento casais que comprovassem ser casados). Em 1970 inaugurou sua extensão, o anexo Montmartre. De 1990, ano de morte de Félix Brunau, até 2006, *Mme.* Brunau exerceu a Presidência da *Cité*. Lembro ser praxe agendar um *rendez-vous* com *Mme.* Brunau para que ela recebesse, pessoalmente em seu gabinete, cada artista que lá aportava.

Contando com mais de 200 ateliês-alojamento, em sua grande maioria situados em sua sede, no Marais, a *Cité* pode receber mais de 300 artistas mensalmente. Os ateliês-alojamento, eventualmente, podem ser compartilhados com outro adulto, artista ou não, e ainda comportar uma criança pequena. Conta com uma ampla estrutura que abriga, em sua sede, estúdios de ensaio, oficinas coletivas, auditório, espaços de

convívio e galerias que abrem suas portas para artistas visuais, músicos, escritores e artistas do espetáculo, dentre outros artistas de áreas diversas, assim como para curadores e teóricos, para residências cuja duração, hoje, varia conforme o edital ou meio de acesso.

Esta fundação reconhecida como de utilidade pública, desde 2016 é dirigida por Bénédicte Alliot. Parte de seus ateliês-alojamentos pertencem e/ou são mantidos, ou mesmo temporariamente utilizados, por diferentes instituições que fazem uso dos mesmos de modos diferenciados. Por exemplo, quando lá residi em princípios dos anos 2000, a FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) contava com um ateliê-alojamento que destinava, semestralmente, alternadamente, a estudantes e professores designados a seu critério. Desta forma, muitas instituições outorgam prêmios que são usufruídos na *Cité des Arts*, como ocorreu com a brasileira Gabi Bresola em 2022, premiada pela Aliança Francesa (8º Prêmio AF de Arte Contemporânea, 2021), ou com

a espanhola Anna Dot, premiada pela *Asociación de Coleccionistas Privados de Arte Contemporáneo*, também em 2022. No meu caso, fiz uma solicitação direta à secretaria da *Cité des Arts*, na condição de antiga artista residente, e fui instalada no ateliê 2001 (curiosamente, ano que havia deixado a *Cité*) em cuja placa de identificação consta escrito: “*UNION DES ARTISTES DE RUSSIE*”, um amplo e charmoso ateliê térreo com janelas

para uma das “cours” internas da sede do Marais.

Os ateliês-alojamento tem ampla sala com cozinha integrada (equipada para duas pessoas) e banheiro completo, a roupa de cama é fornecida e, na sede, além de internet, há uma lavanderia coletiva. Os valores das contribuições mensais tiveram significativo aumento (atualmente, de zero a 467€/mês, dependendo da



Ateliê 2001,  
Cité Internationale  
des Arts,  
sede (Marais).  
Foto: Maristela  
Salvatori

forma de ingresso) – para os artistas pagantes, sobre as permanências curtas (até 4 meses) são aplicadas taxas suplementares, de toda maneira seguem sendo baixas, se considerarmos os custos locais. Os interessados podem solicitar inscrição direta à *Cité Internationale des Arts* por meio dos diferentes editais lançados regularmente a distintos públicos (há editais que visam países específicos e/ou diferentes modos de produção, como por exemplo, editais dirigidos a coletivos de artistas - ver <https://www.citedesartsparis.net/>) ou aos seus parceiros franceses, como o *Ministère de la Culture*, e internacionais, como a *Fondation Finlandaise*.

O anexo Montmartre, que costuma ser destinado a permanências mais longas, sofreu uma pequena redução de sua área verde privativa, mas teve suas instalações renovadas e conta agora com uma sala de convivência e com espaços expositivos. Foi com muita emoção que percorri aqueles caminhos tão entranhados de memórias que me são tão caras e visitei ateliês, workshop e exposições a céu aberto em um final de semana de *Ateliers*

*Ouverts*, numa animação que não era habitual quando lá vivi e trabalhei. Na alegria do bom tempo, em pleno verão, até um *food truck* figurava em meio às muitas cadeiras e mesas espalhadas pelo jardim.

Recebi com muito bons olhos as mudanças no acolhimento aos residentes. Além do visível esforço de reunir perfis bem diferenciados, buscando diversidade e inclusão, havia um cuidado para oferecer uma



experiência mais integrada. No primeiro período que lá estive, participei de exposições coletivas, visitei muitas outras, conheci ateliês ocupados por outros residentes em eventos *Portes Ouvertes* – assim como me permiti ser visitada, assisti numerosos concertos e performances de residentes, além de ser assídua frequentadora e valorizar a integração facilitada pelos coquetéis mensais de boas-vindas. Agora em 2022, além de me ter sido designado

Atelier des Artistes en Exil: danse, proposto por Lassine Traoré (julho 2022).  
2ème édition Croisements: les rencontres de Montmartre (Cité Internationale des arts, annexe Montmartre), <https://www.citedesartsparis.net/fr/croisements-les-rencontres-de-montmartre-2022>.  
Foto: Maristela Salvatori

um ateliê na sede, em pleno coração de Paris, estes momentos de convívio e intercâmbio foram potencializados também pela intensa programação da própria *Cité* que incluía visitas a instituições culturais sob organização de seu *staff*. As boas vindas aos residentes chegados em julho de 2022, bem além de um coquetel, foi uma oportuna visita guiada pelos espaços da sede com Vincent Gonzalez, responsável pelo contato com os residentes, seguida de uma rápida visita à exposição *Émersions: archive vivante*, sobre a história da *Cité*, com fartos registros fotográficos (<https://www.citedesartsparis.net/fr/exposition-emersions-archive-vivante-volet-1-la-cite-et-leurope>), ainda recebemos orientações práticas e fomos estimulados, como artistas, a sair da nossa zona de conforto e a aproveitar este período para realizar experimentações, sem preocupações com resultados.

Saímos desta calorosa e acertada recepção bastante motivados. Como tratava-se de uma quarta-feira, tradicional dia de *Ateliers Ouverts*, seguimos visitando, de forma

autônoma, os ateliês abertos, como de Ella Amitay Sadovsky, de Israel, e de Zahiyah Alraddadi, da Arábia Saudita, ambas artistas apresentando trabalhos de pintura e de gravura, e a algumas das apresentações programadas, como a performance da brasileira Isaura Tupiniquim, premiada pelo Itaú Cultural, e o concerto de piano do lituano Augustinas Eidukonis que, entre outras atividades, exemplificam a usual riqueza destes eventos.

Diferente da prática anterior, as atuais quartas-feiras de *Atelier Ouverts*, apresentam limitação do número de artistas expositores (em média seis). Esta medida pareceu acertada, justificada pelo argumento que, restringindo o número de artistas, há maior probabilidade de visitação expressiva em todos os ateliês abertos.

Performance Debaclé,  
Isaura Tupiniquim,  
Cité Internationale des arts.  
Foto: Maristela Salvatori



franqueado o ingresso em quase todas as coleções, acervos e exposições temporárias em cartaz, o que já foi um imenso privilégio, e ainda gozávamos de acesso prioritário. Desta forma foi possível realizar frequentes visitas a instituições culturais, resultando no desfrute de um número significativo de coleções e exposições temporárias, que podiam ser visitadas com calma e com a perspectiva de retorno, sem preocupação com filas e custos. Para destacar apenas uma entre tantas das excelentes visitas feitas, cito a apreciação da extraordinária e cirúrgica exposição *Pionnières*, no Musée du Luxembourg, com curadoria de Camille Morineau e Lucia Pesapane, enfocando o pioneirismo e a potência da arte produzida por mulheres nascidas no final do século XIX ou início do século XX, até hoje ainda tão invisibilizadas.

Dentre a volumosa programação da *Cité*, alguns destaques: o workshop de dança contemporânea ofertado pelo artista residente Charles Brecard, bailarino canadense, assim como seu workshop de automassagem, duas experiências muito satisfatórias.

Visitamos, na *Cité*, junto à sua Diretora, a exposição *Entre-Lacs: performance - rencontres - exposition*, focada no universo africano e pesquisas de Dominique Malaquais. Com o *staff* da *Cité*, conhecemos o Lafayette Anticipations, da Fondation Galeries Lafayette, um impressionante centro de arte contemporânea, com oficinas de produção, que no momento apresentava o projet *The Mutes* da artista Lina Lapelytè, assim como visitamos exposições em cartaz no Institut du Monde Arabe, onde tivemos a honra de ser recebidos pelo próprio Jack Lang, Diretor do Institut e ex-Ministro da Cultura. Também realizamos uma visita



Visita ao ateliê de produção da Lafayette Anticipations. Foto: Maristela Salvatori

guiada à excelente exposição do Pavillon de l'Arsenal *Soutenir: ville, architecture et soin*, apresentando os frágeis vínculos entre cidade e saúde, arquitetura e profilaxia e cidade e hospitalidade e trazendo questionamentos para a cidade do amanhã.

Fizemos parte da proposição do arquiteto finlandês residente Mauri Korkka objetivando uma nova maneira de vivenciar a cidade. Com ele realizaríamos um longo percurso que passava por pontos específicos de cada um dos 20 *arrondissements* parisienses - caminhada prevista



Visita a exposição *Soutenir: ville, architecture et soin*, Pavillon de l'Arsenal. Foto: Maristela Salvatori

para o dia inteiro, num total de 60 km (eu abandonei o tenaz grupo nos primeiros 20km).

Neste grande e diverso agrupamento da *Cité*, composto por artistas visuais, músicos, dançarinos, atores, compositores, artistas multimídia, entre tantos outros, encontrei Adey Omotade, músico da nigeriano particularmente interessado na cultura Iorubá e com muito interesse em conhecer melhor as afinidades e diferenças com o Brasil e que fazia parte de um numeroso coletivo residente na *Cité*, composto também pela carismática fotógrafa Nyancho NwaNri, sua conterrânea. Também o artista visual tailandês Naraphat Sakarthornsap (Ball), assim como o cineasta libanês Wissam Tanios. Nesta salada cultural, o inglês mostrou-se a língua do encontro, visto a grande maioria dos artistas, apesar de frequentar os cursos intensivos de francês ofertados pela *Cité*, ainda não possuía domínio suficiente do idioma para manter uma conversação.

Não tardou para que as relações alinhavadas nestas saídas e encontros fortalecessem nossos laços,

agregando artistas das mais variadas procedências. O Sena mostrou-se como um catalizador, tanto como ponto de encontro quanto permeando nossos caminhos diários. A tônica dos deslocamentos pareceu ser recorrente em meio às nossas desigualdades, ainda que com semelhante vontade de estar e concretizar ações juntos.

Com frequência eramos majoritariamente artistas visuais mulheres. Assim, nos deleitamos numa piscina aberta no Sena dentro da programação do Paris *Plage*. Também acompanhávamos, em passeios matutinos pelo Sena, a artista sul africana Gill Alderman que, desde sua chegada, manifestava a necessidade de contato diário com a água. Não tardou para estarmos envolvidos em performances à beira do Sena. A finlandesa Jósefina Alanko (antes Johanna), aproveitou o amplo pano encontrado numa gaveta (possivelmente uma velha cortina que nos serviu momentaneamente de toalha) - lembro bem do brilho em seus olhos quando pegou o tecido - e rapidamente o transformou numa veste comprida que foi usada numa performance sobre as águas. A

libanesa Nadia Safieddine, a lituana Dalia Juodakyt? e a britânica Sarah Blood, assim como Anna Dot, faziam-se sempre presentes, muitas vezes filmando e fotografando cenas. Segui acompanhando-as à distância, novos residentes somaram-se e seguiram realizando experimentações conjuntas com deslocamentos, cores e luzes.

Se não voltei da Residência com um portfólio repleto de trabalhos, voltei com ideias e desassossegos, e imensamente feliz de ter vivido uma experiência tão gratificante de trocas, cooperação e afeto entre pares artistas, de diversas culturas e origens, sobretudo num momento em que a empatia se faz tão necessária.



Maristela Salvatori, impressão digital, dimensões variáveis, 2022. Foto: Maristela Salvatori

## MARISTELA SALVATORI

Natural de Porto Alegre, professora Titular do Instituto de Artes da UFRGS, onde foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e da Galeria da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Artista Residente, por dois anos, na *Cité Internationale des Arts*, anexo Montmartre, Paris, por ocasião de seu doutoramento em Arts et Sciences de L'Art, na Université? Paris I, Panthéon - Sorbonne. *Artist's in Residence*, por sete períodos, no Centro Frans Masereel, Kasterlee/Bélgica. Pós-doutorado, Estágio Sênior/CAPES, na Université? Laval, Canada?. Pós-Doutorado no Exterior (PDE) CNPq, Universidad Complutense de Madrid. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.